

Passport

de
Gustavo Ott© 1988

Tradução: Mónica E. Bonetti de Laguna

ADVERTÊNCIA: Todos os Direitos para montagem no Teatro, Rádio, Cinema, Televisão ou Leitura Dramática estão reservados tanto para Companhias Profissionais como Aficionados. Os Direitos e permissões devem ser obtidos através da ABRAMUS. Todos os direitos reservados. Estão especialmente e terminantemente proibidos os seguintes atos sobre esta obra e seus conteúdos: a) toda reprodução, temporária ou permanente, total ou parcial, por qualquer meio ou qualquer forma; b) a tradução, adaptação, reordenação e qualquer outra modificação não autorizada pelo autor através de seu agente; c) qualquer forma de distribuição das obras ou cópias da mesma; d) qualquer forma de comunicação, exibição ou representação dos resultados dos atos a que se refere a alínea “b”; e) fica expressamente proibida a utilização de outro nome que não seja o do autor como responsável por esta obra, em especial, as formas “versão de” ou “adaptação de”, já que o autor é proprietário de 100% dos direitos destas obras. As mudanças de linguagem, contextualização acerca das distintas culturas, cortes, incluso de palavras, improvisações, modificações de cenas ou personagens etc., formam parte da dinâmica de trabalho do teatro atual por parte de diretores e atores, mas não dá precedente em nenhum caso a entender o espetáculo como “versão” ou “adaptação” deste original. As adaptações serão permitidas quando se trata de um gênero ao outro (do teatro para o cinema, por exemplo), mas sempre sob a autorização do autor através de seu agente, ABRAMUS. A infração destes direitos poderá acarretar a utilização de ações judiciais cabíveis que em Direito aja contra o infrator ou os responsáveis pela infração. Os Direitos destas peças estão protegidos pelas leis de Propriedade Intelectual em todo o mundo e devem ser solicitados pelo autor. (www.gustavott.com.ar) ou a seu representante da ABRAMUS e SGAE.

GUSTAVO OTT

gustavott@yahoo.com

www.gustavott.com.ar

® TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Sociedad General de Autores de España-SGA

c/Fernando VI, 4. (28004). Madrid, España.

Tel: (34-91) 3499550 Fax: (34- 91) 3102120

www.sgae.es

*"Lo que tengo en mi mano es tu Pasaporte.
Un hemisferio monocolor que no ha sido incendiado por el terror,
aunque sí contaminado por el futuro.
Por ejemplo, en tus ojos traducidos a idiomas tristes.
Arranca la última página, último tattoo del aburrimiento nacional,
y muéstrasela a las estrellas que chillan en los uniformes, en las gorras,
y en los abrigos de países que ya no existen.
Llevo tus insignias, es decir, la muerte de los símbolos,
lo que quiere decir que nada me puede hacer daño ya.
Y con estas alas en llamas,
juro fidelidad a nada
y así, me voy a ninguna parte..."*
Carol Mueske-Dukes

Personagens:

EUGENIO

OFICIAL

SOLDADO

Tudo acontece em uma estação de trem em algum país esquecido. Na produção do ano 2003, o papel de EUGENIO foi mudado para ser interpretado por uma atriz que se chamou então EUGENIA.

1.

Estação. A um lado do cenário, o Soldado dorme sentado numa cadeira onde mal se apóia. Do outro lado, Eugenio está dormindo na poltrona de um trem. Leva um mapa meio aberto. Eugenio acorda, o mapa cai no chão. Um passageiro apressado tropeça nele. Escuta-se o restante dos passageiros e pessoas falando em diferentes idiomas. Observa um cartaz num idioma desconhecido que, aparentemente, dá nome à estação. Eugenio pega a sua mala e caminha desequilibradamente pela estação, ouvindo as vozes que ecoam desde o alto-falante, também numa língua indecifrável. Eugenio procura falar com alguém, mas ninguém pára para ouvir ele. Senta-se encima da sua mala. Olha seu relógio e não acredita na hora que vê. Então o SOLDADO, acorda e como quem acorda todos os dias da mesma forma, começa a gritar. SOLDADO: Todo mundo para fora! Vamos fechar a estação. Todo mundo para fora! Eugenio olha para ele e entusiasmado se aproxima ao Soldado.

EUGENIO: Senhor, olha, poderia ..., senhor..., olha, eu, eu...

SOLDADO: Esvaziem a estação, vamos fechar. Até segunda!

EUGENIO: Senhor, tenho um problema. Acho que é isso. Eu errei de...

SOLDADO: Saiam da estação. Todo mundo para fora! Vamos abrir na segunda-feira!

EUGENIO: Não entendo o que diz, senhor, mas...

SOLDADO: Fora! Todos para fora!

O Soldado não escuta Eugenio, até que se vira e olha para ele com desprezo.

- EUGENIO: Senhor, eu queria saber uma coisa.
SOLDADO: Deixa eu ver, o que está acontecendo com o senhor?
EUGENIO: Eh? Não entendo o idioma que...
SOLDADO: Eh? O que diz?
EUGENIO: O que está falando?
SOLDADO: Que droga você quer?
EUGENIO: É que... olha... Onde estou? Que país é este?
SOLDADO: Não entendo o que diz. Vai buscar um tradutor.

O Soldado tente ir embora, mas Eugenio o detém e isto desagrade o Soldado

- EUGENIO: Não entendo. Que idioma você fala? Não entendo nada, senhor...
SOLDADO: Passaporte
EUGENIO: Desculpa, não entendi.
SOLDADO: Passport!
EUGENIO: Ah! Passaporte. Está aqui. Tá certo, passaporte.

Eugenio entrega o passaporte.

O Soldado olha as páginas com muita atenção e cautela.

Compara as fotos com o rosto de Eugenio. Verifica os carimbos.

- SOLDADO: Que estranho! Acho que presta.

O Soldado sai com o passaporte na mão. Antes de ir embora faz um sinal indecifrável a Eugenio.

- EUGENIO: Espero aqui mesmo. Não é?

Eugenio espera muito tempo. Passam os minutos como horas. Vai se esgotando fisicamente até que, de novo cai encima da sua mala. Tudo fica num silencio total que termina quando entra o Oficial gesticulando para tirar ele dali.

OFICIAL: Todo mundo vai embora daqui, saiam da plataforma, não podem ficar aqui.

Eugenio, timidamente, se aproxima do Soldado.

EUGENIO: Senhor (*pausa*). Poderia me dizer... que cidade é esta?

OFICIAL: Saiam todos da plataforma. Vamos fechar. Não há mais trens até amanhã.

EUGENIO: Como disse? Albânia, Paraguai?

OFICIAL: O senhor tem que ir embora

EUGENIO: Não entendo.

OFICIAL: Fora daqui, adeus, tem que ir embora...

EUGENIO: O que diz? Ir embora! Ir embora! Mas meu Deus, aonde?

OFICIAL: (*Num inglês defeituoso*) Do you speak english?

EUGENIO: English – Inglês... não, não entendo inglês, um pouco, a little.

OFICIAL: Passport!

EUGENIO: Acabo de dar o passaporte ao outro Soldado.

OFICIAL: Passport!

EUGENIO: Estou lhe falando que...

OFICIAL: Não dê uma de esperto comigo!

EUGENIO: Eu entreguei meu passaporte ao outro soldado... que foi embora e não tem...

OFICIAL: Ummmh... Não tem passaporte, de aonde é o senhor?

- EUGENIO: Não vamos nos entender nunca. Que horas serão? *(Olha seu relógio)*
 Não pode ser. *(Ao Oficial)* Sabe que horas são? *(Mostra ao Oficial seu relógio)*. Horas.
- OFICIAL: Suborno?
- EUGENIO: Disse que são as cinco? O que falou?
- OFICIAL: Não tem passaporte. Fala uma língua estranha e ainda por cima quer me subornar.
- EUGENIO: Não são as cinco. Você diz cinco e meia? *(Olhando para o relógio)*.
 Esta merda está parada.
- OFICIAL: Traz com você alguma outra identificação?
- EUGENIO: *(Apontando o relógio)* Não está funcionando.
- OFICIAL: Sinto muito lhe dizer que o senhor está com um grave problema.
- EUGENIO: Que situação mais ridícula, pelo amor de Deus!
- OFICIAL: Seus do – cu – men - tos
- EUGENIO: Não entendo o que diz, falo português. Não entendo. Por-tu-guês!
- OFICIAL: *(Tentando pronunciar)* Por- te
- EUGENIO: Gue
- OFICIAL: Gui
- EUGENIO: Gue - gués
- OFICIAL: Guespi? Spy? Confessa, você é um espião?
- EUGENIO: Falo português!

O Oficial tira as algemas, e as prende no pulso. Eugenio grita, mas não podemos lhe ouvir .

- EUGENIO: Seu maldito!

2.

Música.

O Oficial leva o Eugenio até a sua escrivaninha e senta o Eugenio de forma abrupta. Do seu lado, a bagagem. Atrás aparece o SOLDADO, ainda que no início Eugenio no pôde vê-lo.

OFICIAL: Espião!

SOLDADO: Já confessou?

OFICIAL: E não tem passaporte.

EUGENIO: Não entendo vocês, não entendo nada do que vocês falam. O que estão dizendo?

OFICIAL: Passport!

Eugenio olha para o céu com um gesto desesperado.

OFICIAL: De aonde você vem? Do norte, do sul?

SOLDADO: Você é um tipo estranho.

OFICIAL: Você deve vir do sul

SOLDADO: Faz o expediente dele e enfiamos ele no buraco.

OFICIAL: Vou ler a sua situação. O senhor sabe que está em uma situação ilegal?

EUGENIO: Como? (*Desesperado*) Não entendo. Não entendo nada.

SOLDADO: Diz que não entende.

OFICIAL: Você fala o idioma dele?

SOLDADO: Um pouco.

OFICIAL: Como é que falas tantos idiomas?

SOLDADO: Assisto muita televisão.

OFICIAL: (Ao Soldado) Diz pra ele que tem que assinar este papel.

SOLDADO: (A Eugenio, que não pode ver ele ainda). Que você tem que assinar este papel, seu porco.

EUGENIO: Não entendo o que você diz.

SOLDADO: (Ao Oficial). Diz que entende perfeitamente.

OFICIAL: Acho muito bom... (ESCREVE). “ Entendo que estou em uma situação ilegal terrível e que voluntariamente renuncio a todos os meus direitos inalienáveis...”

SOLDADO: É assim mesmo.

EUGENIO: (TENTANDO OLHAR PARA O SOLDADO) Sim?

SOLDADO: Você diga que sim e tá bom.

EUGENIO: É mesmo?

OFICIAL: Porque se o senhor entrou neste país sem passaporte, a pena é muito severa.

EUGENIO: Não entendo.

SOLDADO: Ele diz que está ciente disso.

OFICIAL: Ainda bem. Deixa eu ver: Você veio sozinho ou acompanhado?

EUGENIO: Não entendo...

OFICIAL: (PARA EUGENIO) O senhor vem do sul?

EUGENIO: Não entendo.

OFICIAL: Qué disse?

SOLDADO: Que vem do sul de uma cidade na montanha, mas com porto para o mar. Que tem uma mulher, uma amante e um filho que não vê já há bastante tempo e que não se incomoda tanto com essa situação como com o fato de saber que não se importa com isso.

EUGENIO: Senhor, eu gostaria que vocês... que vocês me dissessem o que é que está acontecendo.

OFICIAL: Passport!

EUGENIO: Acabo de lhe dizer que entreguei o passaporte para... (CONSEGUE VER O SOLDADO) Para ele! Eu dei o passaporte para ele!

SOLDADO: Diz que não tem passaporte e que não se importa com isso porque pensa que você é um filho da mãe e eu uma pessoa muito inteligente e também bonito.

OFICIAL: Ele te disse isso?

SOLDADO: Na verdade ele usou a palavra lindíssimo mais do que bonito.

EUGENIO: Eu imagino que você falou para ele que está com o meu passaporte.

OFICIAL: *(ao Soldado)* E o quê que estava fazendo quando você encontrou ele?

SOLDADO: Olhava para tudo quanto era canto e acredito que tentava colocar bombas plásticas nos carrinhos de criança. Não é?

EUGENIO: Sim, isso... *(Para o Oficial)* Tá vendo? Tudo resolvido. O senhor soldado aqui tem o meu passaporte e já o revisou. Não é verdade?

OFICIAL: O que ele diz, é verdade?

EUGENIO: Sim, ele está com o passaporte.

OFICIAL: Pela última vez: Passport!

EUGENIO: Mas, pelo amor de Deus, o passaporte eu dei para...

OFICIAL: Passport.

EUGENIO: Não enche!

OFICIAL: Passport!

EUGENIO: Filhos da puta.

OFICIAL: Este sujeito é suspeito. Talvez ele nos entenda, sim e está se fazendo de bobo.

SOLDADO: Ou nos diz coisas. Está nos insultando.

OFICIAL: Mas você entende o que ele diz.

SOLDADO: Quando ele fala rápido não entendo muito.

EUGENIO: Quero falar com o consulado!

OFICIAL: Passport!

EUGENIO: Eu já lhe disse que deu o meu passaporte para ele...

Eugenio tenta tocar o Soldado, mas este bate nele com o rifle. Eugenio desmaia. Música.

3.

Soldado e Oficial olham-se com cumplicidade.

OFICIAL: Melhor que durma um pouco. Vai, revista a bagagem dele.

O Soldado revista a mala. Tira tudo, peça por peça.

OFICIAL: Revisa bem. Vai que nos acontece como meu irmão e a bomba.

SOLDADO: Os estrangeiros só sabem botar explosivos...

OFICIAL: Meu irmão morreu com uma bomba.

SOLDADO: Ah! É mesmo? Um atentado?

OFICIAL: Não, explodiu enquanto estava brincando com ela.

SOLDADO: Brincava com uma bomba?

OFICIAL: Ele era muito besta.

SOLDADO: Tô vendo. Coisa de família, né?

OFICIAL: Não me venhas com gracinhas, olha que eu posso dar de novo a ordem de te proibir ir ao banheiro.

SOLDADO: Sinto muito, não vou fazer de novo.

OFICIAL: Na tua família ninguém morreu?

SOLDADO: Como assim?

OFICIAL: Por bombas e esse tipo de porcarias...

SOLDADO: Meu pai.

OFICIAL: Ah...

SOLDADO: Uma estrangeira. Vinha da fronteira com uma mala. Deixou a mala cair. Meu pai quis ser educação e booommmm!

Eugenio acorda, mas não se levanta do chão.

EUGENIO: O quê aconteceu? Por que me bateram?

SOLDADO: Já acordou.

OFICIAL: Vamos revistar ele. Não sabemos se está armado.

EUGENIO: Por que me bateu? O quê que eu fiz?

SOLDADO: Eu bati forte em você para que pudesse descansar um pouco.

OFICIAL: (*A Eugenio*) O capitão me advertiu que há muitos terroristas... Você deve entender cidadão, que tivemos muitos atentados.

EUGENIO: Eu imagino que é uma desculpa.

OFICIAL: Sem ir muito longe, ontem um dos nossos aviões civis...

EUGENIO: Obrigado... obrigado, estamos nervosos, compreendo.

OFICIAL: (AJUDA EUGENIO A SE LEVANTAR) Você chegou a um país que tem muitos inimigos.

EUGENIO: Está bom. A dor está passando.

OFICIAL: (*Pega ele pelo braço*) E por isso, eu preciso saber onde está o seu passaporte.

EUGENIO: É mesmo?

OFICIAL: É melhor que acabemos com isto de uma vez. Precisamos saber quem você é, de aonde você vem e o quê está pensando fazer...

EUGENIO: Acredito que já me entendem.

OFICIAL: É melhor que não fale enquanto eu...

EUGENIO: Muito bem. Tudo esquecido. Poderia me dizer como faço para ir para...?

OFICIAL: Passport!

EUGENIO: Não vão me entender nunca!

SOLDADO: (REVISANDO A MALA) Aqui há uns livros.

OFICIAL: Livros? Em que idioma?

SOLDADO: Não sei. Grego, chinês ou peruano.

OFICIAL: Grego ou peruano? Você é grego-peruano?

EUGENIO: Olha, não sei o que você diz. Eu vinha pelo caminho e devo ter pulado uma das mudanças de trem. Tenho uma passagem para... A passagem!

Eugenio começa a se revisar rapidamente os bolsos do casaco. Mas esta atitude é considerada muito perigoso. O soldado, aterrorizado, aponta para ele e lhe grita. O oficial tira seu revólver e também aponta para ele.

OS DOIS: O quê é isso? O quê está fazendo? Abaixa as mãos. Abaixa as mãos. Abaixa as mãos ou atiramos! Porco desgraçado! Pro chão, vamos, pro chão, abaixa as mãos. Abaixa as mãos!

O Soldado o segura e o Oficial aponta para ele. Colocam Eugenio contra a parede. Revistam-no novamente.

SOLDADO: *(Revisando os bolsos)* Acho que esta é a carteira dele.

OFICIAL: Revisa bem...

SOLDADO: Meu, olha!

OFICIAL: O quê que é isso?

SOLDADO: Dinheiro, dólares.

OFICIAL: *(bate no Eugenio)* Você declarou este dinheiro na fronteira?

EUGENIO: Isso é meu.

SOLDADO: Aqui ele tem mais dinheiro. E cigarros.

OFICIAL: *(bate no Eugenio)* Cigarros? Drogas?

EUGENIO: Vão quebrar os meus ossos!

OFICIAL: Então está tentando introduzir mercadoria ilegalmente.

EUGENIO: O quê que tá acontecendo agora?

OFICIAL: Dólares né? Você sabe que esta moeda está proibida neste país?

SOLDADO: Sem passaporte e tentando destruir a nossa economia e a nossa juventude com divisas e drogas.

EUGENIO: O que foi que eu disse? O que foi que eu fiz?

OFICIAL: Quem é você? Um contrabandista do sul?

EUGENIO: Me deixe explicar.

OFICIAL: Você vai pagar por isto, terrorista, contrabandista de merda.

EUGENIO: Alguém me ajude, por favor!

Com o último golpe. Eugenio cai de joelhos e viram ele para cima.

OFICIAL: Tem alguma coisa que declarar?

EUGENIO: Não entendo o que diz!

OFICIAL: Onde está o seu passaporte?

EUGENIO: O quê?

OFICIAL: Passport!

Vendam os olhos do Eugenio.

EUGENIO: O que está acontecendo? Eu não fiz nada!

SOLDADO: Não diga nada que possa ser utilizado em contra de você.

OFICIAL: Não percas o teu tempo, ele não entende nada

EUGENIO: Eu não fiz nada. Não entendem? Quero falar com... Quero falar com alguém que me entenda.

OFICIAL: Faz ele calar a boca e apaga a luz!

SOLDADO: *(Preparando as mãos)* Sim, chefe.

O oficial sai da cena. Ficam sozinhos o soldado e Eugenio.

O soldado faz estalar os dedos. Toca a musica.

4.

Eugenio com os olhos vendados. Do seu lado dorme o Soldado, que rouca. Atrás, o Oficial come uma sopa, fazendo muito ruído.

- EUGENIO: Nunca tive problemas com a Polícia ou o exército. Nunca quebrei a lei. Na verdade, jamais estive numa cadeia. Nem sequer tinha visto uma em toda a minha vida.
- Podem tirar a venda dos meus olhos? Juro que eu não vou ver nada. Nunca tinha me acontecido algo assim.
- Eu pensei que estas coisas não aconteciam.
- Talvez aos outros. Mas nunca para mim.
- Imagino que o meu governo já está providenciando a minha libertação. Imagino que a televisão está falando de mim.
- Teve uma época em que eu pensava que tinham que me acontecer coisas terríveis para ter experiências e crescer.
- Para aproveitar a minha juventude com acontecimentos extraordinários. Coisas fantásticas, contratemplos.
- Mas nunca me aconteceu nada.
- Agora estou pensando que toda esta situação forma parte da experiência. O que não sei mesmo é para quê serve. Imagino que tudo isto significa algo. O senhor o quê acha que significa? Ei? Ei? O que acredita que significa tudo isto?
- OFICIAL: Não entendo o que diz. Poderia estar me insultando nesse idioma estranho e eu aqui pensando que está rezando as suas preces. Cala a boca!

EUGENIO: Então você acredita o mesmo que eu. Que esta experiência vai acabar em algo positivo. Que aprenderei muitas coisas... Que bom. Que bom que acredite nisso.

OFICIAL: Vai ver que estás falando em código, te comunicando com os teus cúmplices. Via... via... antena... ou alguma via que nos não conhecemos. Pelo ar. Isso. Você se comunica pelo ar...

O soldado acorda.

SOLDADO: O quê aconteceu?

OFICIAL: Estavas roncando.

SOLDADO: Eu não ronco. Estava sonhando. Sonhava que era outro (PARA EUGENIO) O senhor sonha que é outro?

EUGENIO: (AO SOLDADO) Acredito que conheço ele. Sim... sim...sim...

SOLDADO: (*Imitando ele*) Sim... sim...sim...

EUGENIO: Sua voz me parece conhecida. Mesmo que não posso ver você, posso sentir. Sua voz, sua voz soa como a de um soldado que vi faz uns dias na estação. O mesmo que levou o meu passaporte!

SOLDADO: Passaport?

EUGENIO: Exato. Pode me tirar a venda dos olhos...?

SOLDADO: (Em português, caçoando) Sim... sim...sim...

EUGENIO: Sim? Sim?

SOLDADO: Sim... sim...sim... (*rindo*) Você é uma fraude. Teu passaporte nem sequer vale um café.

EUGENIO: Como diz?

SOLDADO: Sim... sim...sim...

EUGENIO: Lembro o rosto do homem que me tirou o meu passaporte. Porque quando vi ele pela primeira vez, me lembrou alguém. Alguém que vi na ... Na televisão do meu país.

Era uma reportagem sobre como a juventude se preparava para defender a pátria de algum inimigo. Num pequeno quarto, talvez como

este, estava lotado com pelo menos oitenta jovens... Sem roupas...Sem espaço. Respirando com dificuldade. E você perguntava a eles: “Querem defender a pátria? Querem morrer pela pátria?” E eles respondiam que sim. Que dariam tudo pelo país; Você; fala como esse soldado. Mesmo que imagine que os Soldados falem parecido em todos os lados.

O SOLDADO tira a venda do Eugenio do rosto.

EUGENIO: Obrigado! Por fim! É você!

Nesse momento o Soldado coloca a venda na boca. Eugenio não pode falar.

SOLDADO: Vamos ver como você vai rezar agora.

O OFICIAL se aproxima de Eugenio. Levanta ele da cadeira, tira dele as algemas. Eugenio tenta tirar fora a mordação, mas o oficial lhe adverte que não o faça. Leva ele para um chuveiro.

OFICIAL: Estamos esperando uma ligação da central para ver o quê que faremos com o senhor. Mas estas coisas levam o seu tempo. Enquanto procuram o Chefe e depois ele revisa a documentação, os informes, os relatórios. O chefe vai ligar quando o seu país faça uma queixa, ou seja, expulso, ou acusado e sentenciado como mandam as nossas leis. Por enquanto, pode tomar um banho. Entendeu?

Eugenio concorda, automaticamente. Tira a roupa, mas não tira a mordação e se joga água em algumas partes, mas não toma banho de verdade. O OFICIAL passa uma toalha para ele. Eugenio seca-se.

Treme de frio. Ambos olham um para o outro. De repente, com muita amabilidade, o OFICIAL tira a mordaca de Eugenio.

OFICIAL: (Com cortesia) Espero que não tenham te machucado.

EUGENIO: Eu não entendo o que diz, sabe?

OFICIAL: Já sei que não falamos no mesmo idioma, mas...

EUGENIO: Não entendo, senhor, nada do que você diz...

OFICIAL: Mas vamos nos entender... Não é mesmo?

Então entra o Soldado. Leva uma bandeja com um copo e uma jarra com água.

OFICIAL: Gostaria de um pouco do precioso líquido?

EUGENIO: Muito obrigado...

OFICIAL: Quer?

EUGENIO: Quero...

O OFICIAL ordena ao Soldado que sirva água para Eugenio. Ele bebe.

EUGENIO: Obrigado... obrigado... Sabia que tudo era um mal entendido...

OFICIAL: Está com mais sede?

EUGENIO: Como?

OFICIAL: Sede.

EUGENIO: Não- falo- o – seu- idioma.

OFICIAL: Então. Beber... to beber.

Faz o sinal de “beber”

EUGENIO: Ah! Beber... Sim, sim... sim...

OFICIAL: Mais água, rápido...!

O soldado serve para Eugenio mais água. Eugenio bebe. Deixa um pouco, que o Soldado joga no chão.

OFICIAL: Acontece que sou um funcionário do governo nesta estação. Moro neste mesmo povoado. Sou daqui, mais tenho uma cultura universal. Sou humanista.

EUGENIO: Muito obrigado. Você é muito gentil...

OFICIAL: Mesmo que eu não fale o seu idioma, sei perfeitamente pelo que está passando.

EUGENIO: Eu imagino que já falou com o consulado.

OFICIAL: *(Faz o gesto de beber)* Quer mais água?

EUGENIO: Não, obrigado.

OFICIAL: Muito bem. Tragam mais água.

O Soldado traz a água. Eugenio a aceita. Suspirando...

OFICIAL: O senhor tem um rosto amável. O senhor não parece um terrorista ou um contrabandista. Quer mais água? *(Faz o gesto de beber)*

EUGENIO: Não, obrigado.

OFICIAL: Muito bem. Tragam mais água para ele.

O soldado traz água. Eugenio bebe, desta vez com dificuldade.

OFICIAL: Tem um rosto amigável...

EUGENIO: *(levanta-se)* Você disse que já vamos embora?

OFICIAL: Não, o senhor não é delinquente...

EUGENIO: *(Senta-se novamente)* Então ficamos.

OFICIAL: Mas deve de cooperar... Quer mais água? *(Faz o gesto de beber)*

EUGENIO: Não, obrigado, de verdade. Já não quero. Chega. Não quero. Não.

OFICIAL: Muito bem. Tragam mais água.

O soldado traz a água. Eugenio bebe, mas escorrega tudo.

OFICIAL: Nos, moramos longe na distância. Aqui quase não vêm estrangeiros. Não vêm sequer os nacionais. Aqui não chegam os das cidades vizinhas, e tem que compreender que uma pessoa que nem o senhor que...Quer mais água?

Oficial faz o gesto de beber.

EUGENIO: Não, por favor! Peço! Suplico! Não mais!

OFICIAL: Muito bem. Tragam mais água para ele.

O soldado traz a água. Eugenio sente que vai explodir.

OFICIAL: Porque aqui nós temos muita água, sabe? Tem muito rio e muito encanamento vazando.

EUGENIO: Como gostaria de poder compreendê-lo!

OFICIAL: Agora!

À ordem do OFICIAL o Soldado põe muito perto um velho microfone que levava na bandeja.

SOLDADO: Repita isso.

EUGENIO: O quê?

OFICIAL: Repita o que você disse.

EUGENIO: O quê?

OFICIAL: “compredeglos”

EUGENIO: compreendê-los

OFICIAL: “comprendéblós”

EUGENIO: compreendê-los!

OFICIAL: Espero que não tenha dito nada que possa ser utilizados contra você.

EUGENIO: Provavelmente querem decifrar o meu idioma. Procurar um tradutor...

OFICIAL: Bem, vamos bem amigo. Agora repita: "Podir compreedeflos".

EUGENIO: Poder compreendê-los...

SOLDADO: Compreendê-los

EUGENIO: Compreendê-los...

Todos começam a rir.

OFICIAL: Muito bem.

EUGENIO: Disso eles gostaram. Compreendê-los, compreendê-los (ele ri) Já me entendem um pouco.

OFICIAL: Excelente, agora, repete esta palavra comigo. (Depois de uma pausa)
Pass...

EUGENIO: Pass...

OFICIAL: Port. Passport.

EUGENIO: Meu Deus!

OFICIAL E SOLDADO: Passport!

EUGENIO: Não entenderam nada!

OFICIAL: Diga passport!

EUGENIO: Que diabo é isto?!

O OFICIAL perde a calma e pega o Eugenio agressivamente.

OFICIAL: Você tem que ter uma identificação! Todo mundo tem uma! Aqui ninguém é especial!

OFICIAL E SOLDADO: Passport! Passaporte. Passport!

EUGENIO: O meu Deus, onde fui me meter!?

Música. Oficial e Soldado jogam o Eugenio a um lado do cenário.

5.

Eugenio deitado no chão, em cima de um simples lençol.

Ouve ruído de gente de longe.

Levanta. Vai em direção à janela.

Debruça-se.

Ilumina-se um parque.

Em cena, o soldado, com jornal, aguarda.

Do outro lado, o Oficial, vestido de sorveteiro empurra o seu carrinho vagarosamente.

Vozes de gente e sobre tudo de crianças. O soldado tenta matar um mosquito e olha ao Eugenio. O sorveteiro tira um sorvete e o come olhando fixamente para o chão. O soldado vai então em direção do Eugenio.

SOLDADO: Escuta, estrangeiro. Como é que são as mulheres do teu país?

EUGENIO: Hein?

SOLDADO: Que como são as mulheres do teu país?

EUGENIO: ¡Ah! Que por que eu vim para cá?

SOLDADO: Sim, as mulheres. Como é que são? São... eh... Insaciáveis ou conformadas?

EUGENIO: Eu imagino que foi um equívoco.

SOLDADO: Eu prefiro as mulheres conformadas.

EUGENIO: Eu procurava uma longa distância e em algum cruzamento cochilei. Ninguém me acordou. Ninguém me disse nada.

SOLDADO: Vocês que tem sorte. Aqui não. Aqui são "mulher macho". Fortes. Usam bigode. Não parecem em nada com as da televisão.

- EUGENIO: Exatamente. Foram passando os dias e eu me acostumei à viagem. Às montanhas e às pontes. Ao estrangeiro. A tudo aquilo que não tinha visto ainda.
- SOLDADO: Elas são obrigadas a fazer exercícios e criam uns músculos tão desagradáveis. Eu as prefiro suaves e delicadas.
- EUGENIO: Você diz que também gosta de pontes?
- SOLDADO: Eu adoro.
- EUGENIO: Eu também.
- SOLDADO: E as mulheres do teu país são carinhosas o pedem dinheiro?
- EUGENIO: Isso mesmo, como você tá dizendo. Porque passaram os dias e as pontes. Perdi os mapas. As referências. O mundo é tão largo. E em todos os cantos há estações, gente que diz adeus. Trilhos, caminhos, guardas, sinos...
- SOLDADO: ...Sim, eu sei o que quer dizer, mesmo que não lhe entenda nada. Todos pensamos o mesmo sobre elas. Seja em chinês ou em croata. Eu já me divorciei três vezes. E nessas três vezes senti mais emoção odiando elas do que amando elas. O senhor é casado ou viúvo? Eu gostaria demais de ser viúvo.
- EUGENIO: Sim, isso mesmo. Vou lhe explicar o melhor que puder. Viajei por motivos demais.
- Talvez uma viagem para não pegar uma pistola.
- Por... Por acreditar nos teoremas equivocados da distância e do tempo.
- Por uma esperança falha.
- Por acreditar em fatos heróicos.
- Por valente, por idiota e por imbecil.
- Por estar apaixonado da vida, sendo um morto. .
- Por admirar o mundo mesmo que o mundo não se agüente nem a si mesmo.
- Porque nas ruas cheirava o perfume dos casais que juraram amor e nunca puderam ficar juntos.
- Porque no meu país não crescia nada, nem sequer o mato.

Porque ali roubaram as raízes, as árvores e os ventos. .

Porque tinha escolas de cegos e surdos-mudos encarregados de formar os expertos, conselheiros e artistas.

Porque... porque (RI). Acredito que deixei o meu país porque tinha muitos vasos cinzas. Talvez pegasse o trem para passar por esta loucura que estou vivendo agora!

(FURIOSO, FALANDO ALTO) Eu peguei o trem porque me deu na telha e não sabia o que estava fazendo!

Peguei o trem porque neste momento estou suando até o saco!

SOLDADO : Não se altere. Ela não vale a pena. Mesmo que seja essa mulher incrível que te faz sentir como você está dizendo. Não vale tudo isso. Pensa em você. Os demais não valem nada. Okey? Okey.

EUGENIO: Okey?

SOLDADO: Okey!

EUGENIO: Compreendê-los...

SOLDADO: Compreendê-los

EUGENIO: Compreendê-los...

Ambos começam a rir. O Oficial tira o seu uniforme de sorveteiro.

SOLDADO: (Ri) Tá vendo? Já estamos nos entendendo.

EUGENIO: Não sei como, mas me entendeu tudo.

O OFICIAL se aproxima deles com um prato e um pão.

OFICIAL: Estão contando intimidades um pro outro?

SOLDADO: Ele está tão acabado como todos.

OFICIAL: E você achava que no estrangeiro as pessoas eram melhores?

SOLDADO: Me faz sentir bem melhor saber que todos estão igual de fodidos.

OFICIAL: Eu também (MOSTRA A COMIDA PARA EUGENIO) Você tem fome?

EUGENIO: (*Feliz*) Já 'tava' na hora, tinha uma fome...

OFICIAL: O quê? Não tem fome?

EUGENIO: To morrendo por um prato de comida.

OFICIAL: Não tem fome. Eh? Você desconfia da comida?

SOLDADO: Não tenhas medo. Não vamos te envenenar. Se quiséssemos te matar, já estarias nadando na terra.

O OFICIAL pega o pão e parte ele em dois. A metade menor ele dá ao Soldado.

OFICIAL: Já vás ter fome. Já vás falar para pedir comida.

Ambos comem.

SOLDADO: Deixa ele em paz. Pode até que ele ponha bombas. Mas não é mau.

Eugenio estende a mão para o soldado para lhe pedir um pouco de pão. Este se comove e se aproxima.

Então dá umas migalhas para Eugenio, e este as aceita com felicidade. Come as migalhas como se fosse um ratinho feliz. Música.

6.

Eugenio deita, dorme. O OFICIAL preenche formulários enquanto o Soldado, sentado na sua cadeira tenta assobiar. Não consegue. Cantarola então sua musiquinha até que percebe que não sabe bem a melodia. Volta a tentar. Erra de novo.

OFICIAL: Perdeu a melodia.

Desta vez o OFICIAL cantarola a estrofe completa.

OFICIAL: É assim, viu?

O soldado tenta de novo, porém novamente desafina. O OFICIAL ri.

SOLDADO: Gostaria de saber aonde acabam os caminhos.

OFICIAL: Os caminhos nunca acabam. Chegam numa estação, como esta e depois seguem para outra e para outra.

SOLDADO: Você já viajou. Conhece o mundo.

OFICIAL: Mas custa lembrar dele.

SOLDADO: Se eu viajasse, nunca esqueceria o meu caminho.

OFICIAL: Se pudesses viajar te esquecerias até de ti mesmo. Por que não contas outra vez a história do teu pai e da bomba?

SOLDADO: Foi na fronteira e ela era estrangeira. Uma belíssima estrangeira loira que vestia de cor azul e falava muito bonito...

As vozes do Oficial e do Soldado se apagam. Aos poucos deixamos de ouvir a voz do Soldado. Mesmo que gesticule como se estivesse falando animadamente. Eugenio levanta-se e olha fixamente o Soldado que conta a história. Mas nem o OFICIAL nem o Soldado percebem que Eugenio esta acordado.

EUGENIO: Acho que o golpe machucou o meu ouvido. Não escuto nada. Estou surdo. Ou todos ficaram calados para que eu não possa ouvir eles. Ou eles estão fingindo que falam para me enganar.

(Ovem-se batidas, de longe)

Mais ouço alguma coisa. Ouço... O que é isso? É... é... é...é... um coração. É o meu coração. Nunca tinha ouvido ele tão forte. Bate muito alto. Como tentando me disser alguma coisa. *(O som do coração ressoa mais alto ainda)* Está perto, como um lamento. Está me deixando nervoso. Já ouço ele, já está, já está, já!

(Para o som do coração. Se escuta som de água)

E isso? Água. Correntes de alguma coisa que se mexe dentro de mim. Acredito que é... É o meu sangue... posso ouvir que se move entre as minhas veias. Posso ouvi-la como se fosse um rio desbordado.

(Sons estranhos)

E isso? É o som dos meus pensamentos. Quando se abrem passo. Quando aparecem. Quando estão tentando ser eu.

Posso ouvir o som dos meus órgãos.

O golpe que fazem os meus cílios se fechando sobre os meus olhos, o chiado dos meus lábios quando se separam um do outro.

O estrépito da minha saliva ao cair nas minhas entranhas e posso ouvir quando chega no estômago.

O rugir do vento entrando e saindo dos meus pulmões.

Posso ouvir tudo o que acontece dentro do meu corpo e nada mais.

Acredito que estou completamente surdo.

Ouvimos de novo, no final do texto de Eugenio, a musiquinha do Soldado.

SOLDADO: Amanhã vou embora pro sul.

OFICIAL: Pro sul? Para quê?

SOLDADO: Ali tem coisas.

OFICIAL: No sul somente há gente.

SOLDADO: Não interessa, eu vou para o sul.

OFICIAL: Lá há piores passaportes. E crimes perigosos.

SOLDADO: No sul eles têm informações. Sabes o que acontece. Aqui poderíamos estar...poderíamos estar defendendo uma fronteira que já não existe mais, e talvez saibamos disso quando já for tarde demais. Ou talvez já mudaram as leis e nós nem sabemos nada. Talvez já nem precisem de soldados e todos estão nas suas casas assistindo televisão. Exceto eu. Talvez têm um novo chefe e continuamos aceitando aos antigos. Talvez haja caras como este, que falam outra língua, que lêem livros estranhos e que sabem do que estão falando.

OFICIAL: Você acredita que este cara sabe o que estão falando?

SOLDADO: Sem dúvida.

OFICIAL: Como é que você sabe?

SOLDADO: Porque tem cara de certeza. Olha fixo nos olhos. É um homem de convicções.

OFICIAL: Eu já vi dinamiteiros com a mesma cara de bonecos de bolo.

Suas vozes vão diminuindo de novo, mesmo que eles continuem falando animadamente, Só ouvimos a Eugenio, o qual observa os dois.

EUGENIO: Escuto algo como murmúrios. Alguma coisa longe. O quê estarão dizendo? Co...coisas de estado, logicamente. Falam do país.
(*Fica ouvindo eles*).

De certo falam de mim. E da minha estúpida equivocação. Eles parecem boas pessoas. Honestas. Inteligentes. Uma pena que não possam me entender! Acho que seríamos bons amigos. Mesmo que eles estejam tão perto e eu não possa ouvir eles e eles também não possam me ouvir.

(Som de mar. Eugenio, surpreso).

Mas eu... Eu ouço .

Ouçó as ondas, como se tivesse um mar dentro de mim.

Ouçó o mar como se envolvesse todo o meu corpo. Também ouço o que está detrás desta parede.

Ouçó uma namorada do soldado que chegou e não encontra o que prometeram a ela.

Ouçó um sorveteiro que faz semanas não come outra coisa que os seus próprios sorvetes.

Ouçó uma criança num parque, estão fazendo ela chorar para poder tirar uma foto.

Escuto um trem que vem e que já foi embora, faz tempo.

Ouçó vozes diferentes, em outros idiomas e no meu.

Posso escutar o ruído de cinco cidades estrangeiras.

Posso ouvir o apito dos guardas de trânsito em Hong Kong.

De um avião que pousa em Frankfurt, e até os prantos de uma namorada esquecida em Vancouver.

(Eugenio, surdo, com paixão)

Ouçó música e passos.

Uma festa a milhares de quilômetros.

Escuto risos e taças que brindam.

Ouçó desejarem felicidade em cinco idiomas que não falo, mas que posso entender.

Escuto a voz rouca de um cego que tenta ler em Braille.

Ouçó uma notícia ruim em código Morse.

Escuto declarações de amor ao telefone e o encontro de duas pessoas numa estação de trem, limpa e bela.

Posso ouvir o aplauso de um público agradecido em algum teatro desconhecido do mundo.

Escuto o ranger das nuvens quando passam diante da lua e ouço os fogos de artifício num fim de ano.

(De repente, Eugenio, nervoso)

Escuto um disparo. Ouço alguém cair. Ouço alguém que corre. Uma porta fechando e uma rádio dando as notícias de depois de amanhã como se fossem as notícias de cinco dias atrás.

Ouço uma multidão que se movimenta toda ela em direção a um mesmo lugar e posso ouvir que não sabe por quê.

Posso escutar tão longe e eles, que estão aqui perto, quase nem posso ouvir...

Será que não estou aqui? O que estou morrendo? O que já estou morto?

Nesse momento, Eugenio se encontra cercado pelo OFICIAL e o Soldado.

OFICIAL: O que está dizendo?

SOLDADO: Acho que está rezando

OFICIAL: Dava medo.

SOLDADO: Estava como possuído

OFICIAL: Será o demônio?

SOLDADO: Ou será que tem febre?

OFICIAL: Ou está louco?

SOLDADO: Ou cantava.

SOLDADO: *(Para Eugenio)* Cantavas? O que era tudo isso que falava?

OFICIAL: Insultavas alguém? Que palavrões falava?

SOLDADO: Vamos, prisioneiro, vamos...

EUGENIO: (*aterrorizado*) Sim... sim... sim...

OFICIAL: O quê é isso de “Sim... sim... sim...”.

SOLDADO: Ele repete isso constantemente.

OFICIAL: O quê você acha que quer dizer?

SOLDADO: É como uma saudação. Como “Oi!”

OFICIAL: Ou talvez seja uma afirmação. Talvez “Sim”, quer dizer “sim”

SOLDADO: Não acho não, não parece nem um pouco: “Sim” a “sim”

OFICIAL: Mas em outro idioma talvez “Sim”.

SOLDADO: “Sim”?

OFICIAL: “Sim”.

SOLDADO: Ou somente parece. Olha só. (PARA EUGENIO) Escuta estrangeiro, você quer ser fuzilado?

EUGENIO: Sim, sim, sim.

SOLDADO e OFICIAL: “Sim, sim, sim”

Rindo

SOLDADO: Você quer que eu corte os dedos dos teus pés e te dê de comer eles no almoço?

EUGENIO: Sim, sim, sim.

SOLDADO e OFICIAL: “Sim, sim, sim”

Rindo

SOLDADO: Agora fala: “Sou uma besta de carga”.

O Soldado faz sinais ao Eugenio para que repita aquilo que ele acabou de dizer.

SOLDADO: Agora fala: “Sou uma besta de carga”

EUGENIO: Sou uma besta de carga

SOLDADO e OFICIAL: "Sim, sim, sim" (Rindo)

OFICIAL: Agora eu. Deixa eu. (Para Eugenio) Diz: "Sou um animal. Sou um porco animal".

EUGENIO: (acusador) Porco animal.

OFICIAL: O quê?

EUGENIO: Porco animal

SOLDADO: Parece que ele te disse...

OFICIAL: Sou um porco animal?

EUGENIO: Sim, sim, sim.

OFICIAL: Maldito! Tudo que eu fiz por você e é assim que pagas. Vou te matar.

SOLDADO: Fica tranquilo, chefe. Ele não pode entender você. Não sabe o que está dizendo.

OFICIAL: Ele me disse: "sujo animal".

SOLDADO: Estava repetindo, como um papagaio. Como um bichinho selvagem. Não é mesmo?

OFICIAL: Às vezes penso que se faz de bobo.

SOLDADO: Não nos entende. Por exemplo. Olha (A EUGENIO) Você tem medo?
(SILÊNCIO)

SOLDADO: Você tem medo?

EUGENIO: Sim.

SOLDADO: Você gosta do medo?

EUGENIO: O medo.

SOLDADO: Você gosta?

Eugenio faz sinais de que não entende.

SOLDADO: Tá vendo? Ele não entende nada.

*O Soldado volta a assobiar a sua musiquinha, agora mais afinado.
Volta a sua cadeira.*

OFICIAL: Por que você não me conta de novo a história do teu pai e a bomba?

SOLDADO: Foi na fronteira e ela era morena e levava um terno vermelho...

Toca o telefone. Esse é o som mais surpreendente que há para o Soldado e o Oficial. Os dois primeiro se assustam e depois se olham, aterrorizados.

SOLDADO: Eu pensei que não 'tava' funcionando.

OFICIAL: Nunca tinha tocado até agora.

SOLDADO: Bom, então melhor atenda chefe.

OFICIAL: Atende você.

SOLDADO: Não, não posso.

OFICIAL: Você tem medo?

SOLDADO: O senhor é o comandante supremo deste posto. É o seu dever.

OFICIAL: Mas poderia fazer de conta que você é a minha secretária ou alguma coisa assim.

SOLDADO: Eu sou um soldado não uma secretária.

OFICIAL: Vai. Atende você. Olha que posso te proibir ir ao banheiro de novo.

SOLDADO: Tá, pedindo com jeito, está bem...

O soldado atende ao telefone. Fica sério e circunspecto.

SOLDADO: Alô? Sim chefe... Sim chefe!... Sim chefe?... “Sim chefe”... Sim chef...
Sim chefe... Logicamente chefe...Imediatamente, chefe. Um momento
(AO OFICIAL) É para o senhor.

OFICIAL: Quem é?

SOLDADO: Um chefe.

OFICIAL: *(aterrorizado, responde)* Sim Chefe... Sim sou eu... Sim...

O prisioneiro chegou faz cinco dias... Sim, sim... Comeu bem e fala até pelos cotovelos... Tomou banho uma vez, mas não cheira mal. Nos

também só tomamos banho uma vez, mas no soldado já dá para perceber... Sim... sim...

(De repente, faz cara de zangado e olha para o Eugenio. Eugenio assusta-se)

Tem certeza? Ordens? Que se já revistamos a carteira dele?

(O Soldado levanta Eugenio e lhe tira a carteira do bolso. Entrega para o OFICIAL que revista a carteira enquanto fala).

Já fizemos isso, e certo... certo... sim... sim...

(Tira um papel da carteira do Eugenio)

Aqui está. Sim senhor, do jeito que o senhor falou. Parabéns. Às suas ordens. Não se preocupe. Mas antes de desligar, me diga uma coisa, para esclarecer e poder proceder. Sim. , me diga: Como está o tempo por lá? Como se vestem as mulheres? Quanto custa uma cerveja? Como se chama o Presidente?

(ESPERA PELAS RESPOSTAS) Alô? Alô? Alô?

Desliga o telefone. Eugenio olha para ele com esperança.

EUGENIO: Está tudo certo? Tudo pronto? Já perceberam que foi um erro?

Música tema. O Soldado e o OFICIAL olham para Eugenio e vão em direção a ele. Pegam ele pelo braço e levam ele ao meio do cenário, tudo muito violentamente.

EUGENIO: Ma... ma... ma... Tomara, pelo amor de Deus, que não vão cometer um erro. Tomara que não vão me fazer nada...

SOLDADO: Melhor cala a boca...

EUGENIO: Espere... espere...

OFICIAL: Vamos se mexe!

EUGENIO: O que disse? O que está acontecendo?

OFICIAL: Encontramos uma coisa importante. Recebemos informação da capital. Deram uns dados que nos corroboramos com a sua identificação.

O OFICIAL da um papel ao Soldado.

SOLDADO: E o quê é isto?

OFICIAL: Trazia isso na carteira. Está tudo podre.

SOLDADO: Tudo bem, mas o quê é?

OFICIAL: Um documento.

SOLDADO: Você entende o que diz?

OFICIAL: Perfeitamente.

SOLDADO: Mas... Em que idioma está?

OFICIAL: No nosso.

SOLDADO: No nosso?

OFICIAL: (LENDO) “carteira de motorista. Cidadão Eugenio Gant, deste endereço e cidade, etc. Data: 19 de Julho” Tem foto, Tem coisas de essas máquinas de fotos automáticas.

SOLDADO: (Para Eugenio) Isto é teu?

Eugenio olha o que mostram para ele. Quase nem consegue reconhecer.

OFICIAL: Este é o senhor?

Eugenio olha fixamente para o que mostram para ele.

SOLDADO: É o senhor!

Eugenio treme.

OFICIAL: Por que ele faz de conta que não nos entende? Por que ele finge que fala outro idioma? O senhor é daqui. Este é o seu país. O senhor fala nosso idioma. Temos o senhor plenamente identificado. Ligaram da capital com os seus dados. O senhor é funcionário do Ministério de Agricultura. Trabalha lá recebendo aplicações. O senhor carimba. O senhor faz a papelada. O senhor arquiva. Por que se fez passar por outro?

Dão a carteira de motorista a eugenio, olha feliz para ela. Se arruma.

SOLDADO: O que você está escondendo? Por que se faz passar por um estrangeiro? É que você não ama a sua pátria? É que você esqueceu de tudo?

OFICIAL: E tudo o que este país tem feito por você! (*Com fúria*) Reconheces este papel? Não acha tudo isto conhecido?

EUGENIO: Sim... sou. Sou eu. Tinha vinte anos e achava que nunca ia morrer. Que o mundo era como um bolo e eu era uma criança no aniversário. É a minha Carteira de Motorista. E este é o meu nome. Eu me chamo Eugenio. Eugenio Gant... e... Meu Deus! Estou no meu país. Sou daqui. Mas como é que tudo tem mudado tanto!

OFICIAL: O quê que ele diz?

SOLDADO: Que ele está muito doente, que viajou por 12 continentes e que em todos encontrou soldados felizes, menos aqui. Que ele não gosta daqui e que quer ir para o sul.

OFICIAL: Muito bem. O melhor agora é nos livrar dele.

Os dois começam a vestir o Eugenio como na primeira cena e devolvem a ele sua mala.

EUGENIO: Voltei e não reconheço nada. Falam todos tão diferente, tão estranho, tão estrangeiro.

OFICIAL: Que vá embora.

O OFICIAL sai, mas antes, arranca o telefone e o leva com ele.

OFICIAL: *(quase chorando)* Estou farto da capital!

O OFICIAL sai.

SOLDADO: *(Para Eugenio)* Bom, então vá embora.

EUGENIO: Para onde?

SOLDADO: Para onde acabem os caminhos.

EUGENIO: Mas eu moro neste país, pela ferrovia de algum lugar, muito perto de alguma parte.

SOLDADO: Continuará rolando pelo mundo.

EUGENIO: Agora estamos falando, estamos nos entendendo.

SOLDADO: Sim, já entendemos você. (DEVOLVE O PASSAPORTE) Mas não nos interessa.

O soldado pega o Eugenio para jogá-lo.

EUGENIO: Obrigado.

SOLDADO: Adeus.

Joga o Eugenio.

Ruído de trens, carros, aviões, um turbilhão. Eugenio enfrenta os ruídos. Toca a mesma música com que começou a obra.

O soldado vai para a sua cadeira. Cantarola a musiquinha e adormece. Eugenio recolhe o mapa, endireita-se, agita sua cabeça. Ouvem-se outros passageiros e pessoas falando em diferentes idiomas. Observa um cartaz em um idioma desconhecido que, aparentemente dá o nome à estação. Eugenio pega a sua mala e caminha cambaleando pela

estação, ouvindo as vozes que ecoam desde o alto falante, também num idioma indecifrável. Eugenio procura falar com alguém, mas ninguém pára para ouvi-lo. Senta-se encima da sua mala. Olha seu relógio e não acredita na hora que vê. Mas ninguém está perto, somente ouvem-se vozes. Então o SOLDADO, acorda e como quem levanta todo dia da mesma forma, começa a gritar.

SOLDADO: ¡Todo mundo para fora! Vamos fechar a estação. ¡Todo mundo para fora!

Eugenio olha para ele e entusiasmado se aproxima ao Soldado.

EUGENIO: Senhor, olha, poderia..., senhor..., olha, eu, eu...

SOLDADO: Esvaziem a estação, vamos fechar. ¡Até Segunda!

EUGENIO: Não entendo o que diz senhor, mas...

SOLDADO: Fora! Para fora todo mundo!

EUGENIO: Eh? Não entendo o idioma que você...

SOLDADO: Eh? O que que você diz?

EUGENIO: O que está falando?

SOLDADO: Que droga você quer?

EUGENIO: É que... você sabe ... Onde estou? Que país é este?

SOLDADO: Não entendo o que está falando. Passport!

EUGENIO: Ah! Passaporte. Está aqui. Tá certo, passaporte. Devo estar por aqui

Eugenio tira o Passaporte e entrega-o ao soldado.

Escuro